

Na contramão do agronegócio, há luta por direitos e resistência



Nos Geraes, nome que as comunidades geraizeiras dão ao Cerrado, depois de um longo caminho rodeado de monoculturas de eucalipto e pinhos, os mesmos que ocuparam o lugar da mata nativa, transformando-a em um grande deserto verde, existe uma propriedade em que vive uma família que produz de tudo um pouco no próprio quintal. Joelice e Orlando dos Santos vivem com a filha Patrine na comunidade de Cabeceira de Macaúba, Novo Horizonte. Lá se dividem nas tarefas da roça e lutam juntos no Movimento Geraizeiro.



ro, bandeira de resistência que faz parte da história da família e afirma a identidade de um povo tradicional que guarda o cerrado.

A história do casal já tem mais de 27 anos. A vida foi se encarregando de uni-los. Os pais eram compadres, iam para a mesma feira em Salinas. Como brinca Joelice, no trajeto feito de caminhão era preciso segurar em Orlando por não ter tanto tamanho. “Sempre tinha o caminhão de feira, aí vinha segurando nele por ser mais pequena e com isso, estamos até hoje”. Apoiando-se um no outro, namoraram por dois anos, casaram-se e tiveram duas filhas: Patrine a caçula e Thais a mais velha que hoje vive em Campinas, SP.

É visível o companhei-

rismo na vida da família. Durante a manhã, Orlando cuida da roça, enquanto Patrine cursa o 1º ano do ensino médio e Joelice trabalha na escola. Ao chegar, prepara o almoço e no período da tarde todos cuidam da plantação consorciada. Caminhando pelo quintal pode-se encontrar café, hortaliças, banana, diferentes tipos de pés de laranja, limão, raízes e uma barragem que ajuda a garantir água para a família. Com tanta diversidade, logo se pode perceber que o trabalho é intenso e o cuidado com cada planta, reflete o bem querer que

eles possuem pelo quintal. A família mostra com orgulho cada espécie. Orlando explica como fazer a laranja produzir mais cedo, fazendo enxerto no pé de limão. Cuidadosamente demonstra como fazer e conta que em 15 dias já será possível ver o resultado. Nos outros pés em que já foram feitas a técnica, percebe-se a base de um e o caule do outro. O geraizeiro explica que se



deixar um caule do limão crescer, o pé é capaz de dar as duas frutas.

O destino de tudo que é produzido é a mesa da própria família e de outras que adquirem os produtos na Feira de Salinas, município vizinho, a qual costumam ir todo sábado. Para Joelice para além da comercialização dos produtos, a Feira tem função de trocas.

“É bom porque lá você fica conhecendo gente diferente, aí de repente você vê uma coisa que não tem e troca por outra”, conta.

Na produção não se faz uso de agrotóxicos, tudo é produzido de forma sustentável diferente dos produtos que são oferecidos pelo agronegócio. Orlando explica que a região ainda sofre consequências

do Projeto Jaíba, que por oferecerem produtos que são cultivados com veneno, apresentam uma aparência melhor se comparados com o natural. Para ele, isso afeta a vida dos geraizeiros que encontram dificuldades ao colocarem o seus produtos no mercado.

A luta contra os grandes empreendimentos não são os únicos desafios da comunidade. Há também um esforço para garantia de direitos e do bem viver. Neste contexto de desafios no território, surgiu há cerca de cinco anos o Movimento Geraizeiro, que é, como explica Orlando, um movimento de comunidade que representa o povo da região. A família foi fundamental na fundação do grupo. Orlando dos Santos é umas das suas principais lideranças e sempre que precisa viajar, têm o apoio das filhas e da esposa.





“Eu só faço essa correria toda porque tenho uma base familiar, se não tivesse uma base que me apoiasse, não conseguiria avançar de forma alguma”.

Joelice conta que o trabalho aumenta quando o marido precisa se ausentar, mas sempre que necessário todos da casa se mobilizam para deixar tudo organizado.

Enquanto contam a história da família, percebe-se que ela se confunde com a história do movimento. Logo que iniciaram a trajetória, contam que sofreram repressão e foram perseguidos. A família lembra de um momento em que a casa foi invadida por policiais que queriam plantar provas contra os geraizeiros, a fim de criminalizar e enfraquecer o movimento. Orlando conseguiu fugir, mas sua esposa e filha mais velha foram levadas para a delegacia. Patrine, a caçula, ficou sozinha em casa, enquanto tudo acontecia.

Não tendo nada a temer, as tentativas de comprometer a imagem de Orlando na região foram falhas. Hoje o Movimento Geraizeiro é um dos principais grupos representantes dos Povos e Comunidades Tradicionais do Norte de Minas e vem consolidando sua força e independência. Como movimento já participaram de diversos enfrentamentos, apoiando também outras comunidades tradicionais.

Orlando reforça sempre em sua fala o fato do movimento ser de comunidade, conta que a força do grupo existe porque as famílias se mobilizam na luta e se reconhecem como guardiões do cerrado. Patrine ao responder sobre o que é ser geraizeira, diz que “Ser Geraizeiro é uma forma de pensar, é uma pessoa de uma região específica, que lida mais com os meios rurais e o protege o meio ambiente”. Logo se vê a forte relação e compromisso que eles possuem com o bioma e sua diversidade. Ambos contam com alegria da vida na região.

Quando questionado quando é viver ali, com um sorriso no rosto, Orlando se orgulha, “A vida da gente aqui é muito boa, sabe, a gente trabalha a hora que a gente quer, a gente para a hora que a gente quer e a gente consegue comer o alimento que a gente planta”.